

# UMA CASA PORTUGUESA. OLHARES ESTRANGEIROS SOBRE A ARQUITECTURA DOMÉSTICA EM PORTUGAL ENTRE MEADOS DO SÉCULO XVIII E MEADOS DO SÉCULO XIX

MARIA CLARA LOUREIRO BORGES PAULINO\*

O ano de 1755 constitui um marco importante no universo da literatura de viagem sobre Portugal. Após o decréscimo no número de relatos publicados entre fins do séc. XVI e meados do séc. XVIII<sup>1</sup>, há um recrudescer do interesse sobre o país imediatamente após o Terramoto de Lisboa<sup>2</sup>. Na segunda metade do séc. XVIII aumenta, em particular, o número de textos de viagem escritos por viajantes oriundos do centro e norte da Europa, bem como a bibliografia norte-europeia sobre a história, geografia e literatura da Península Ibérica em geral<sup>3</sup>.

O número de visitantes continua a aumentar a partir da viragem para o séc. XIX, embora sejam raros os que aqui chegam sem um motivo específico, quer seja de ordem militar, comercial, diplomática ou médica<sup>4</sup>. Portugal é periférico em relação aos percursos do *Grand Tour*, em que a Itália é o país de eleição, seguindo-se a França e, para alguns, o Egipto<sup>5</sup>. Um número mais reduzido de viajantes visita a Suíça, a Alemanha e a Holanda, normalmente por períodos mais curtos<sup>6</sup>. A partir de inícios

---

\* Professora Auxiliar Convidada. Departamento de Técnicas e Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. mpaulino@letras.up.pt; paulino.mariaclara@gmail.com.

<sup>1</sup> EHRHARDT *et al.*, ed. – *As Primeiras Notícias Alemãs acerca da Cultura Portuguesa*, p. 22-27.

<sup>2</sup> Cf. SOUSA – *Lisboa vista pelos Estrangeiros*, p. 57 e ARAÚJO – *O Desastre de Lisboa e a Opinião Pública Europeia*.

<sup>3</sup> Por exemplo, as obras editadas por Aschbach (*Geschichter Spaniens und Portugal's zur Zeit der Herrschaft der Almoraviden und Almahaden*) e Galetti (*Geschichte von Spanien und Portugal*).

<sup>4</sup> Cf. PAULINO – *Olhares de Europeus e Norte-Americanos em Viagem por Portugal*.

<sup>5</sup> Cf. BUZARD – *The Beaten Track*, p. 40 e CHANEY – *The Evolution of the Grand Tour*.

<sup>6</sup> Cf. BATTEN – *Pleasurable Instruction*, p. 92.

do séc. XIX, à medida que a sensibilidade romântica se vai afirmando, exploram-se regiões menos conhecidas, tais como a Suécia, a Córsega, a Grécia e também Espanha, ou Península Espanhola<sup>7</sup>, designação que quase sempre inclui Portugal. Em meados do século XIX aumenta, quer o número de viajantes, quer a diversidade de rotas. Numa Europa em processo de definição geográfica, política e sociológica, os progressos nos meios de transporte contribuem para um novo perfil de viajante.

Durante os cem anos que aqui nos ocupam é interessante verificar o modo como os textos reflectem a evolução da sensibilidade estética do Iluminismo para o Romantismo, apesar da uniformidade do retrato do país, que em pouco difere do que encontramos em textos de viagem de períodos anteriores. A dependência do ouro do Brasil, o mau aproveitamento dos recursos agrícolas, a excessiva religiosidade e o efeito negativo da presença inglesa na economia são comentários comuns<sup>8</sup>.

Nos relatos que estudámos<sup>9</sup> de mais de sessenta viajantes de várias nacionalidades surgem estas e outras observações que vale a pena referir tendo em conta o nosso tema. Por exemplo, reconhece-se aos portugueses sensibilidade musical evidenciada na qualidade das produções da Ópera de S. Carlos, mas não o talento da criação, seja ela musical, literária ou no campo das artes plásticas. A opinião generalizada, transversal a nacionalidades e épocas, é a de que o país se encontra num estado artístico verdadeiramente primitivo. Não há pintura de qualidade a não ser em casos isolados, quase sempre criações de estrangeiros, e a escultura é praticamente inexistente com excepção da unanimemente elogiada estátua equestre de D. José I. Salienta-se o talento dos raros portugueses que criam obras de qualidade num país com tão poucos meios de formação artística.

No campo da arquitectura em geral considera-se que os portugueses trabalham bem a pedra e dominam as técnicas de construção mas não sabem desenhar nem projectar. Em alguns palácios, igrejas e mosteiros reconhece-se beleza ou singularidade arquitectónica, mas salienta-se negativamente a «mistura de estilos» e a grandiosidade megalómana de projectos como, por exemplo, o do Palácio Nacional da Ajuda.

A paisagem urbana é valorizada, sobretudo quando vista de longe<sup>10</sup> – tanto a de Lisboa, como a do Porto – mas lamenta-se a ausência de residências particulares dignas de nota, facto atribuído ao frágil poder económico da classe média abastada

<sup>7</sup> V. *Op. Cit.*, p. 92. O editor Cook não publica quaisquer Guias da Grécia ou de Espanha, enquanto Murray e Baedeker, em conjunto, publicam onze edições de Guias da Grécia e doze edições de Guias de Espanha. Estes números são relativamente modestos em comparação com as vinte e cinco edições de Guias do Egipto e as cento e seis edições de Guias de Itália (cf. BUZARD – *Op. Cit.*, p. 41-49).

<sup>8</sup> CHAVES, Castelo Branco – *O Portugal de D. João V*, p. 20-21.

<sup>9</sup> Cf. PAULINO – *Op. Cit.*

<sup>10</sup> As cidades devem ser admiradas a uma distância que permita não se ser incomodado pelo lixo nas ruas. A cidade do Porto é geralmente descrita como mais limpa do que Lisboa.

e da aristocracia. No que respeita a Lisboa, elogia-se a zona reconstruída por Pombal mas critica-se a falta de bons edifícios de utilidade pública, excepção feita ao Aqueduto das Águas Livres.

Quanto ao nosso tema – a arquitectura doméstica – deixaremos falar os próprios viajantes através das descrições que fazem de exteriores e interiores de residências, preponderantemente na zona de Lisboa, bem como de métodos e técnicas de construção. Os excertos procedem de relatos de treze autores de nacionalidade francesa, inglesa, alemã e norte-americana, sobre os quais apresentamos breves notas no final deste texto<sup>11</sup>. A tradução é da nossa responsabilidade.

As descrições são apresentadas cronologicamente segundo as datas em que as observações ocorreram. As datas estão colocadas entre parêntesis junto do nome de cada autor.

TEXIER (1794) estranha ver ainda marcas do terramoto em muitos locais, sobretudo igrejas, mosteiros e outros edifícios públicos. No meio da cidade há muitas ruas pequenas ainda com filas inteiras de casas meio em ruínas, bem como terrenos desocupados. Estes esqueletos de casas, por vezes cheios de entulho, e as habitações pobres das vielas estreitas e tortuosas do Bairro Alto e do sopé do Castelo de S. Jorge formam um estranho e repugnante contraste com as magníficas ruas construídas após o terramoto. Para além das três ruas novas centrais há outras que estão a ser reconstruídas noutros bairros da cidade, com casas de pedra aparelhada e de cinco, seis, ou sete andares. É difícil entender que neste país de terramotos se construam casas de tal altura implantadas em terreno irregular, por vezes mesmo em encostas íngremes, quando os arredores oferecem tanto espaço para construir em todas as direcções. Os habitantes que construíram casas nos arredores fizeram-nas mais baixas e mais leves, em terrenos mais planos ou de elevação menos pronunciada. Com excepção das ruas novas, já referidas, não há nenhuma completamente recta nem regular. As velhas janelas, com gradeamentos de madeira que cercam as varandas de alto a baixo, são particularmente desagradáveis. Fazem lembrar verdadeiros galinheiros e estreitam ainda mais as ruas já apertadas pois são quase sempre salientes de dois pés em relação à parede. Felizmente, apenas as casas anteriores ao terramoto têm ainda estas antipáticas grades pois nas novas há belas vidraças e varandas com gradeamentos de ferro da altura de uma pequena balaustrada.

Para LINK (1797-99), não vale a pena procurar em Lisboa arquitectura digna de nota, nem nas casas particulares, nem nos edifícios públicos. No entanto, elogia as três ruas principais construídas após o tremor de terra, alinhadas, largas e com

---

<sup>11</sup> Os textos foram estudados no âmbito da nossa investigação para Mestrado e Doutoramento: KULMACZ (PAULINO), Maria Clara Loureiro Borges – *Arte e Património em Portugal* e também PAULINO – *Op. Cit.*

passeios, que ligam a Praça do Comércio ao Rossio. As casas não são separadas umas das outras, formando grandes corpos que produzem um belo efeito. Todavia, os andares superiores são demasiado baixos, as janelas demasiado estreitas, os vidros demasiado pequenos e, para além disso, as varandas prejudicam a beleza das formas. A parte antiga da cidade reconhece-se facilmente pelo tipo de arquitectura. As ruas são estreitas, tortuosas e desordenadas e as casas sobrecarregadas de ornamentação gótica, à qual se renunciou devido à frequência de terremotos. Esta arquitectura de ruas estreitas e casas altas tem alguma razão de ser pois evita que o sol aqueça demasiado as casas. É uma tradição antiga «entre os romanos, gregos, mouros, italianos, espanhóis e portugueses, ou seja, todos os povos que habitam as zonas quentes».

RUDERS (1798-1802) prefere não se pronunciar sobre a arquitectura portuguesa sob o ponto de vista artístico. Os viajantes que escrevem sobre esta matéria, afirma, não estão de acordo uns com os outros e, segundo Murphy<sup>12</sup>, conhecedor do assunto, os portugueses não têm ainda o gosto completamente formado. Se, no entanto, considerarmos a arquitectura, não como arte, mas como algo de socialmente útil, cujo objectivo é proporcionar conforto, então os portugueses merecem elogios e críticas. Os edifícios são geralmente sólidos do ponto de vista estrutural e todo o trabalho em madeira é muito bem ensablado, de modo que todas as partes do todo são igualmente resistentes; fixam-se as pedras grandes com grampos de ferro e aumenta-se a sua resistência aplicando-se uma argamassa firme e consistente, precauções que se entendem facilmente numa cidade que tanto sofreu com o terremoto. Mas as entradas das casas são desagradáveis e a distribuição interior dos apartamentos é tão má como em Espanha. Parece obedecer a objectivos anti-sociais, dado que cada família vive só para si no sentido literal da expressão e os seus membros vivem apertados uns contra os outros em espaços exíguos. Apartamentos de doze a dezasseis quartos raramente têm mais do que duas entradas e alguns quartos interiores permanecem em escuridão, pois só recebem luz apenas através das portas dos outros quartos, que são muito altas e têm janelas de vidro apenas na parte superior. As portas de acesso aos vestíbulos são duplas e as portas exteriores são dotadas de grades. Todas as portas têm duas meias-portas. A ligação entre os vários quartos faz-se por pequenos corredores, o que é eficaz contra o roubo mas extremamente desconfortável. As escadas são quase sempre sujas, estreitas e escuras. Por vezes entre duas casas há um pequeno pátio utilizado para deitar os dejectos da cozinha, o que causa um cheiro horrível em todas as salas. Nas casas abastadas as paredes interiores e os tectos são por vezes pintados com paisagens de valor artístico variável. No entanto, é mais comum revestir as paredes até meio com painéis de faiança, o que torna as salas frescas no verão mas demasiado frias no inverno devido às inúmeras frinças que há

---

<sup>12</sup> MURPHY – *Plans elevations sections and views of the church of Batalha*.

em portas e janelas. As lareiras seriam de grande utilidade mas poucas casas as têm e não se vê fogões de ladrilhos. No que respeita à cidade de Lisboa, que tem 43.994 famílias ou fogos, pode dizer-se que a zona da Baixa é magnífica. As ruas são muito bonitas, embora nem todas estejam terminadas. São largas e a direito e têm agradáveis passeios de ambos os lados, bem como pilares de mármore de cinco pés de altura a quatro varas de distância uns dos outros. As casas que perfazem cada quarteirão são muito parecidas: são todas pintadas de branco e têm varandas de gradeamento de ferro em frente das janelas do primeiro e quarto andar. Assim, cada quarteirão parece um palácio e o conjunto é verdadeiramente imponente. Recentemente cada casa passou a ter um número de porta e nas esquinas passou a ver-se o nome das ruas em caracteres grandes e pintados de forma nítida.

O autor das cartas publicadas por RANQUE (1801) observa que o rés-do-chão das casas de Lisboa é construído em pedra calcária. Para os outros andares constrói-se uma espécie de jaula de madeira que se cobre com uma camada de argamassa. O objectivo deste esqueleto em madeira é aliviar as terríveis consequências dos terremotos. Em geral a distribuição das salas é má, pelo menos em relação àquilo a que os estrangeiros estão habituados. Mas talvez para os portugueses esteja bem assim porque tudo é relativo. Nas casas ricas as paredes interiores e os tectos são revestidos a estuque, enquanto nas pobres o revestimento é em gesso. A pintura de paredes, executada por artistas portugueses ou italianos, é de qualidade muito variável.

BERNARD (1801-1803) inicia o seu comentário às casas de Lisboa afirmando que se pode dizer delas o que Montesquieu diz das casas de Paris em *Lettres Persanes*, ou seja, são tão altas que parecem ser habitadas por observadores de estrelas. Poucas têm menos de quatro ou cinco andares e a maioria tem uma fila de dez a doze janelas. Em cada uma «vivem normalmente cerca de duas centenas de pessoas» pois em Portugal não se faz ideia do luxo de outras nações onde as pessoas têm várias salas de uma mesma casa à sua disposição. Na maior parte das casas existe um acesso directo da porta da rua para as divisões interiores, provavelmente devido ao clima ameno. Será também por isso que só em poucas casas se encontram fogões e lareiras. Na zona reconstruída as ruas têm bom pavimento e passeios, feitos de grandes blocos de pedra acima do nível da rua.

ELIOT (1808-09) critica as casas dos fidalgos, em Lisboa, que reflectem a indolência e deficiente instrução dos seus proprietários. São uma mistura de palácio e pocilga: as salas são ricamente pintadas ao estilo italiano, enquanto a zona da entrada principal, com porta de painéis móveis e pavimento de pequenas pedras redondas dispostas em quadrados ou círculos, parece a entrada de cocheira de uma boa casa inglesa. Após subir umas escadas sujas chega-se ao primeiro andar, habitado pelos serviçais e suas famílias; no segundo estão os quartos de dormir; e no último, finalmente, uma magnífica suite de apartamentos. Poucas são as casas que têm uma sala

com lareira, excepto a cozinha e o ultimo andar. Também poucas têm janelas de vidro, excepto em Lisboa e no Porto. Algumas têm um vidro único, que é fixo às persianas de madeira, o que dá às salas uma luz péssima.

Segundo ORMSBY (1808), Lisboa foi claramente beneficiada pelo terramoto pois sobre as ruínas de ruelas estreitas e insalubres foram construídas ruas bonitas, largas e a direito. As casas são de uma tal uniformidade que, à primeira vista, cada lado da rua mais parece a fachada de um palácio do que uma série de edifícios contíguos. As casas têm quatro andares, sendo o rés-do-chão utilizado como armazém ou loja e, por vezes, como cocheira. O primeiro andar é o mais moderno e elegante e, conseqüentemente, o mais caro. No interior não se vê uma única lareira. A porta do átrio de entrada está sempre aberta embora haja normalmente uma porta fechada ao fundo das escadas.

HAUTEFORT (1814) refere que as ruas largas, compridas e com passeios das novas zonas de Lisboa ocupam quase metade da cidade. Algumas são absolutamente a direito, cortadas por ruas transversais, o que beneficia toda a circulação. As casas, de três a cinco andares, têm fachadas com muito bom aspecto pois as janelas são bem proporcionadas em relação ao tamanho dos edifícios. Todas as habitações são em maçonaria construída sobre uma estrutura de madeira, método que os habitantes crêem mais adequado para resistir aos tremores de terra. Há também palácios feitos em alvenaria embora, em geral, não se veja nenhum que seja realmente de boa traça e de boa arquitectura. O que merece atenção especial é a forma como os portugueses trabalham a pedra. O solo produz o *marmor nobile* de Lineu, pedra calcária da melhor qualidade. Os pedreiros trabalham-na de uma forma muito especial e o que sai das suas mãos é de uma enorme perfeição.

Para ROCKWELL (1835-36), em Portugal, tal como noutras cidades do sul da Europa, as casas são de pedra e estuque, caiadas ou pintadas de cor clara, e têm de dois a seis andares. A parte mais antiga de Lisboa, na zona mais alta, tem ruas e ruelas tão estreitas que não entra lá nenhuma carruagem. Este estilo de construção pratica-se há muito em países quentes pois impede a entrada da luz do sol e evita que o calor se torne opressivo. A parte baixa da cidade, destruída pelo Terramoto, foi reconstruída com ruas largas e passeios num estilo urbano moderno. É aqui que se encontram enormes edifícios públicos, como a Alfândega, que seriam o orgulho de qualquer país.

HEERINGEN (1836) descreve Lisboa como uma cidade de contrastes entre Alfama e Bairro Alto, a zona de vielas escuras e sujas que resistiu ao terramoto, e a parte reconstruída que cresce diariamente e tem ruas largas com bons passeios. As casas têm quatro a seis andares e inúmeras janelas e varandins com gradeados verdes que não deixam ver as janelas da rua, provavelmente vestígio de costumes mouros. É frequente ver macacos, papagaios e outros pássaros em pequenas gaiolas nas varan-

das. Das balaustradas de ferro, com desenhos muito artísticos, caem plantas, flores e cactos pelas paredes abaixo. Por vezes o aspecto das casas não é agradável, talvez devido à pintura cinza pálida ou à falta de vidros grandes nas janelas (para além dos Palácios da Ajuda e das Necessidades não há nenhum palácio ou residência que não tenha nas janelas pequenos quadrados de vidro), ou talvez porque o andar inferior tem um aspecto escuro e sujo quando não é utilizado para comércio.

WITTICH (1838) refere o vale que parte da Praça do Comércio para norte e atravessa a cidade, dividindo-a em duas metades: do lado ocidental, o maior, quase tudo é nova construção embora haja ainda ruínas de igrejas conventuais; do lado oriental, mais pequeno, encontra-se todo um quarteirão da cidade chamado Bairro da Alfama que escapou ileso aos efeitos do terramoto. Bairro de ruas sujas e escuras, faz lembrar o Egipto, onde a construção é feita de modo a não deixar entrar o sol nas ruas estreitas e de casas que se inclinam umas sobre as outras. Aliás, nota-se a influência do clima de Lisboa na construção leve e fina das casas, cujo objectivo é a protecção contra o calor. É também por isso que salas são quase sempre grandes e claras, e que as paredes raramente são forradas a papel, sendo mais frequente o revestimento até metade com faiança ou pinturas de paisagens representando repuxos e florestas que evocam a frescura da sombra. Estas pinturas são da melhor qualidade, sobretudo os frescos nas casas de grandes quintas. Os estrangeiros em geral queixam-se que as portas e janelas não vedam bem e acusam os marceneiros e os vidraceiros de não serem capazes de as fazer com qualidade. O que se passa, no entanto, é que os portugueses não exigem a perícia destes artesãos porque não são tão sensíveis à humidade e ao frio. No passado sabemos que houve bons artesãos, como se prova pela qualidade da arquitectura e alvenaria de magníficos palácios, catedrais grandiosas e sumptuosos mosteiros.

BÉGIN (1848) critica o método de construir casas, que se torna muito dispendioso devido à falta de meios de transporte e à imperfeição do equipamento à disposição dos construtores. A construção é iniciada pelos carpinteiros, seguindo-se o trabalho dos pedreiros que constroem, entre estacas, paredes de tijolo e pedra britada que resistem melhor aos terremotos. Cada casa tem geralmente quatro andares, cada um com um salão central bem decorado e uma varanda com tolde de tela ou seda para proteger as senhoras do sol. Sentadas em almofadas, é ali que passam o tempo durante os meses de calor. Desde 1755 que Lisboa apresenta duas fisionomias bem diferentes: por um lado, a velha cidade medieval de ruas estreitas, casas altas e bairros sombrios; por outro, a cidade moderna, regular, aberta, bem traçada, com passeios e edifícios imponentes. Lisboa já não é a cidade que era, suja, sem fontes, banhos públicos ou chaminés, tal como é descrita nas narrativas dos antigos viajantes. Depois de os ingleses terem feito dela uma das suas principais colónias Lisboa adoptou padrões de conforto e bem-estar. Embora ainda haja casas onde se nota um toque indiano ou

chinês, quer no exterior, quer no interior, e algumas casas abastadas mais pareçam pagodes do que residências europeias, a verdade é que este gosto se está a modificar devido à influência dos ingleses.

Segundo MINUTOLI (1851-1853) Pombal criou, na zona destruída de Lisboa, algo que, embora grandioso, já não é apreciado. O gosto era diferente no tempo de Pombal. A uniformidade era então a regra e, no caso de Lisboa, a uniformidade foi levada a um extremo que torna a arquitectura dessa zona entediante. Há bairros inteiros que se entrecruzam em ângulos rectos e ruas que formam uma só fachada. Nenhuma casa se distingue de nenhuma outra pois o alinhamento prolonga-se debaixo do mesmo telhado desde o início até ao fim da rua, o mesmo acontecendo com a varanda do quarto andar. Olhando-se para a direita e para a esquerda vê-se centenas de casas cobertas com um mesmo reboco, divididas apenas no seu interior, e diferenciáveis nas fachadas apenas pelos números. Esta uniformidade, desprovida de gosto, é também visível na Praça do Comércio, apesar de tudo imponente e com uma belíssima situação. Mas os construtores portugueses não têm falta de habilidade. É admirável o modo como constroem enormes casas de seis pisos sobre um transparente e fino esqueleto de traves e vigas, sem frontaria, e como enchem as paredes intermédias com tijolos sobrepostos e lajes de barro, só depois erguendo a frontaria maciça, quase sem argamassa, ligando-a à construção interior. O material de construção é sempre excelente e adequado ao clima. A pedra calcária usada para a ornamentação é macia e fácil de trabalhar, endurecendo aos poucos com a exposição ao ar. O barro dos tijolos é fino, bem cauterizado e mesmo após repetidas cozeduras mantém os contornos afiados quando é destinado a «ladrilhos de barro» para revestir escadarias exteriores, pavimentos, ou paredes de armazéns de provisões. O calcário, o gesso e o cimento também são finos e de grande qualidade e durabilidade. O dispositivo usado para levar os materiais e a água até aos andares superiores durante a construção é simples e engenhoso: erguem-se dois mastros altos e dá-se-lhes um apoio seguro, em forma de pirâmide, mediante um terceiro mastro ou mediante uma corda. No ponto onde os mastros se encontram fixa-se uma roldana que içava as cargas. Por motivos de segurança, quando as casas não são construídas sobre um fundo rochoso os alicerces têm apenas a profundidade estritamente necessária. A preocupação com os terramotos também leva a que se evite construir telhados pesados – e é interessante verificar que não se usam pára-raios. Ao contrário dos telhados espanhóis, que são planos, aqui os telhados são inclinados e cobertos com telhas romanas, que são leves e simultaneamente firmes. No andar de cima, ou em casas de um só piso, e sobretudo em edifícios mais antigos, em vez de um tecto plano de vigas há um vigamento alto, trabalhado em madeira ao gosto mourisco, que tem uma leve cobertura. As varandas, que em Espanha constituem as janelas dos quartos, não são de todo comuns em Portugal, embora nas cidades maiores haja varandas corridas no primeiro ou no



último andar. O rés-do-chão das casas portuguesas é quase sempre utilizado para lojas, ateliês, tavernas, cocheiras e estábulos, e a luz entra nessas divisões pela porta grande que está sempre aberta porque a maioria dos trabalhos artesanais ou afazeres domésticos é feita praticamente na rua. As escadas são habitualmente escuras, íngremes e pouco seguras devido ao hábito de as cobrir de areia; no piso de baixo são normalmente em pedra e nos de cima em madeira. As caves, tão agradáveis num país do sul, são desconhecidas em Portugal. Na maioria das casas não há pátios e a ventilação é muito deficiente. Fornos e chaminés são raros. Em casas abastadas há por vezes chaminés em ferro colocadas na parede virada para a rua; dali sai um tubo preto e espesso que, de acordo com os regulamentos da polícia, deve passar ao longo da frontaria exterior da casa e seguir até ao cimo do telhado onde se vai inserir numa enorme cúpula. É evidente que instalações deste tipo não contribuem para o embelezamento da casa ou da rua. As donas de casa lamentam-se da má tiragem dos fogões na cozinha, embora seja costume cozinhar em cima de grelhas sobre pequenos lumes de carvão ou em fornos de ferro aquecidos à base de briquetes. O ambiente nas cozinhas é muito desagradável, sobretudo quando, mesmo ao lado do fogão, há um pequeno tabique com «um certo sítio que dispensa outra designação», o qual, aliás, é raro encontrar no interior das casas.

### BREVES NOTAS SOBRE AUTORES E OBRAS<sup>13</sup> (POR ORDEM CRONOLÓGICA DE ESTADA EM PORTUGAL)

J. P. TEXIER, Conselheiro Real de Estado e de Legação da Dinamarca e Cavaleiro de Danebrog, é autor da obra *Reise durch Spanien und Portugal und von da nach England*. Escrita em francês, e traduzida para alemão pelo editor, a obra refere-se à passagem de Texier por Portugal na Primavera de 1794 durante uma viagem de regresso à Alemanha procedente de Cádiz. Texier já havia estado em Lisboa 36 anos antes como Secretário da Delegação Holandesa.

Heinrich Friedrich LINK é autor de *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien, und vorzueglich Portugal*, obra em dois volumes. O relato refere-se à estadia em Portugal, para onde viajou em 1797 com o Conde Johann Centurius de Hoffmannsegg com o objectivo de estudar e classificar a flora do país. Permaneceu por um período de dois anos. Cientista, médico, químico, botânico e filósofo de renome, Link foi professor e membro de várias sociedades científicas e eruditas. Foi também director do Jardim Botânico de Berlim. A obra foi publicada em 2005 pela Biblioteca Nacional com o título *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*.

---

<sup>13</sup> Os títulos encontram-se integralmente transcritos na Bibliografia.

Carl Israel RUDERS, pároco da Legação Real da Suécia em Lisboa, autor de *Einige Bemerkungen ueber Portugal, in Briefen von C. I. Ruders*. Esta colectânea de cartas, das quais retirámos os excertos que incluímos, foi publicada em 1805 e traduzida do sueco para alemão por H. F. Link. Uma outra colectânea de cartas do mesmo autor, escritas durante o mesmo período de tempo, foi publicada em 1808. Intitulada *Reise durch Portugall von C. I. Ruders*, esta obra foi traduzida para alemão por H. G. A Gerken. Entre 1906 e 1909 algumas destas cartas viriam a ser publicadas em português no *Diário de Notícias* com tradução de António Feijó. Em 2002 sai a edição em português da Biblioteca Nacional, intitulada *Viagem em Portugal, 1798-1802*.

RANQUE é o editor francês de *Lettres sur le Portugal, écrites à l'occasion de la guerre actuelle*. Colectânea de cartas escrita por um comerciante francês, estabelecido em Lisboa há vários anos, em resposta ao pedido do editor de quem era amigo pessoal. Embora o autor das cartas permaneça anónimo a informação que temos sobre a idoneidade do editor levou-nos a incluir este testemunho.

Sophie BERNARD (ou Lucie Bernard, ou Esther Gad, ou Esther Domeier) é autora de uma obra em dois volumes, *Briefe waehrend meines Aufenthalts in England und Portugal an einen Freund*, publicados em 1802 e 1803 respectivamente. Bernard chega a Lisboa no Outono de 1801, acompanhando Wilhelm Friedrich Domeier, médico de câmara do Príncipe Augusto da Grã-Bretanha. A autora reside em Portugal até ao Verão de 1803.

William Granville ELIOT é autor de *A treatise on the defence of Portugal, with a military map of the country: ... and principal events of the campaigns under Lord Wellington, in 1808 and 1809*. A obra tem uma primeira edição em 1810 e, como o título indica, refere-se às observações feitas durante a participação militar de Eliot durante as Invasões Francesas entre 1808 e 1809.

James Wilmot ORMSBY, reverendo das tropas britânicas durante as Invasões Francesas, é autor de *An Account of the operations of the British Army, and of the state and sentiments of the people of Portugal and Spain, during the campaigns of the years 1808-1809*. A obra é constituída por cartas escritas durante as campanhas de 1808 e 1809.

Charles Victor, Conde de HAUTEFORT, é autor de *Coup-d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814*. A obra foi publicada em 1820, ano em que o autor exercia funções de secretário-intérprete da Embaixada Francesa em Espanha. Em 1811 servira em

Aragão e Catalunha sob as ordens do Duque de Albufera. Hautefort é membro de academias eruditas em Madrid, Florença, Roma e Turim.

Charles ROCKWELL, capelão da Marinha dos Estados Unidos, é autor de *Sketches of foreign travel, and life at sea; including a cruise on board a man-of-war, as also a visit to Spain, Portugal, the south of France, Italy, Sicily, Malta, The Ionic Islands, Continental Greece, Liberia, and Brazil*. Publicada em 1842, esta obra foi então considerada um verdadeiro guia de viagem. Sabemos que no dia 1 de Abril de 1836 o autor se encontra num navio ao largo da costa de Lisboa e conseguimos identificar, com alguma certeza, os anos de 1835 e 1836 como os anos em que ocorreram as suas duas visitas a Portugal.

Gustav Adolph von HEERINGEN, autor de *Meine Reise nach Portugal im Fruehjahre 1836*, publicada em 1838, é Camareiro de D. Fernando de Saxe-Coburgo. Também conhecido como autor de novelas românticas, ou histórico-românticas, chega a Lisboa no navio Manchester a 8 de Abril de 1836.

Auguste Émile BÉGIN (1803-1888), médico, historiador e bibliotecário, é o autor de *Voyage Pittoresque en Espagne et Portugal*, obra que descreve a sua segunda viagem à região que designa de Península Espanhola. Médico do exército francês, trabalhara no hospital de Barcelona em 1823.

Alexander WITTICH é autor de *Erinnerungen an Lissabon. Ein Gemaelde der Stadt nebst Schilderungen portugiesischer Zustaende*. Professor em Eisenbach, Alemanha, acompanha um aluno português de quem era tutor há anos de volta ao seu país. O navio em que viajam entra no Tejo em Maio de 1838 e Wittich permanece em Portugal durante sete meses.

Julius Rudolph Ottomar von MINUTOLI é autor de *Portugal und seine Colonien im Jahre 1854*, a sua segunda obra sobre Portugal. Homem de estado prussiano, chefe dos serviços policiais de Posen e Berlim, torna-se Cônsul Geral da Prússia para Espanha e Portugal por volta de 1850. A página de título refere, entre outros cargos por ele desempenhados, o de «Conselheiro Real da Prússia, Cônsul-Geral para Portugal e Espanha, membro honorário da Academia Real de História de Madrid e de várias Academias de História e História Natural».

## BIBLIOGRAFIA – FONTES PRIMÁRIAS

- BÉGIN, Émile Auguste Nicholas Jules (1852) – *Voyage pittoresque en Espagne et en Portugal*. Paris: Belin-Leprieur et Morizot.
- BERNARD, Sophie (1802) – *Briefe waehrend meines Aufenthalts in England und Portugal an einen Freund*. Hamburg: August Campe, vol. I.
- IDEM (1803) – *Neue Reise durch England und Portugal*. In *Briefen an einen Freund*. Hamburg: August Campe, vol. II.
- IDEM (1808) – *Briefe ueber England und Portugal an einen Freund*. Hamburg: August Campe.
- ELIOT, William Granville (1810) – *A treatise on the defence of Portugal, with a military map of the country: to which is added, a sketch of the manners and customs of the inhabitants and principal events of the campaigns under Lord Wellington, in 1808 and 1809*. London: T. Egerton, Military Library, Whitehall.
- HAUTEFORT, Charles-Victor d' (1820) – *Coup-d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814; suivi d'un mémoire politique concernant la constitution promulguée par les Cortès à Cadiz; et d'une notice sur l'état moderne des sciences mathématiques et physiques en Espagne*. Ouvrage dédié au Roi par Ch.-V. d'Hautefort. Paris: Delaunay.
- HEERINGEN, Gustav Adolf von (1838) – *Meine Reisen nach Portugal im Fruehjahre 1836*. Leipzig: Brockhaus.
- LINK, Heinrich Friedrich (1801) – *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien, und vorzueglich Portugal*. Kiel: C. G. Fleckeisen, vol. I.
- IDEM (1801) – *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien, und vorzueglich Portugal. Mit einer Karte von Portugal*. Kiel: C. G. Fleckeisen, vol. II.
- MINUTOLI, Julius Rudolph von (1855) – *Portugal und seine Kolonien im Jahre 1854*. Stuttgart.
- ORMSBY, James Wilmot, Rev. (1809) – *An account of the operations of the British Army, and of the state and sentiments of the people of Portugal and Spain, during the campaigns of the years 1808-1809. A series of letters. In two volumes*. London: J. Carpenter.
- RANQUE, Hugues Félix, ed. (1801) – *Lettres sur le Portugal, écrites à l'occasion de la guerre actuelle par un français établi à Lisbonne, avec des observations sur le voyage du duc de Chatelet, et des détails sur les finances de ce royaume*. Paris: Desenne, Bourdeaux, Audibert.
- ROCKWELL, Rev. Charles (1842) – *Sketches of foreign travel, and life at sea; including a cruise on board a man-of-war, as also a visit to Spain, Portugal, the south of France, Italy, Sicily, Malta, the Ionic Islands, Continental Greece, Liberia, and Brazil; and a Treatise on the Navy of the United States*. Boston: Tappan & Dennet; Philadelphia: Carey & Hart; New York: Appleton; Londres: Wiley & Putnam, 2 vol.
- RUDERS, Carl Israel (1805) – *Einige Bemerkungen ueber Portugal, in Briefen von C. I. Ruders, aus dem Schwedischen uebersetzt mit Anmerkungen, von D. H. F. Link, Professor zu Rostock*. Berlin: Karl Christoph Stiller.
- TEXIER, J. P. (1825) – *Reise durch Spanien und Portugal und von da nach England*. Schulz und Wundermann.
- WITTICH, Alexander (1843) – *Erinnerungen an Lissabon. Ein Gemaelde der Stadt nebst Schilderungen portugiesischer Zustaende, Bestrebungen und Fortschritte der neuesten Zeit*. Berlin: G. Reimer.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- ARAÚJO, Ana Cristina (1991) – *O Desastre de Lisboa e a Opinião Pública Europeia*. In *Estudos de História Contemporânea Portuguesa, Homenagem ao Professor Victor de Sá*. Organização do Centro de História da Universidade do Porto. Porto: Livros Horizonte.
- ASCHBACH, Joseph, ed. (1833-1837) – *Geschichter Spaniens und Portugals zur Zeit der Herrschaft der Almoraviden und Almahaden*. Frankfurt, 2 vol.
- BATTEN, Charles L. (1978) – *Pleasurable Instruction. Form and Convention in Eighteenth-Century Travel Literature*. University of California Press.
- BUZARD, James (1993) – *The Beaten Track. European Tourism, Literature, and the Ways to Culture, 1800-1918*. Oxford University Press.
- CHANEY, Edward (1998) – *The Evolution of the Grand Tour: Anglo-Italian Cultural Relations since the Renaissance*. London: Frank Cass.
- CHAVES, Castelo Branco, trad., pref. e notas (1983) – *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*. Lisboa: Biblioteca Nacional. (Série «Portugal e os Estrangeiros»).
- EHRHARDT, Marion; HESS, Rainer; SCHMIDT-RADEFELT, Jürgen (1980) – *As Primeiras Notícias Alemãs acerca da Cultura Portuguesa*. In *Portugal-Alemanha. Estudos sobre a Recepção da Cultura e da Língua Portuguesa na Alemanha*. Coimbra: Almedina.
- GALETTI, Johann Georg A., ed. (1809) – *Geschichte von Spanien und Portugal*. Erfurt.
- KULMACZ (PAULINO), Maria Clara Loureiro Borges Paulino (2003) – *Arte e Património em Portugal: olhares norte-europeus (da segunda metade do século XVIII a meados do século XIX)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MURPHY, James Cavanah (1795) – *Plans elevations sections and views of the church of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal [drawn by James Murphy]: with the history and description by Fr. Luis de Sousa; [transl.] with remarks [by Murphy]. To which is prefixed an introductory discourse on the principles of Gothic architecture*. Pr. for I & J. Taylor.
- PAULINO, Maria Clara Loureiro Borges (2009) – *Olhares de Europeus e Norte-Americanos em Viagem por Portugal. Fontes para Estudos de Arte e Património (ca. 1750-1850)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- REICHARD, Hans Ottokar (1971) – Introdução. In *Guide d'Espagne et du Portugal*. 1793. Paris: Les Ed. de la Courtille.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de (1983) – *Lisboa vista pelos Estrangeiros (Levantamento Bibliográfico até ao fim do séc. XIX)*. «Lisboa-Revista Municipal», n.ºs 5 e 6. Lisboa: Câmara Municipal.

